

**O CÁRCERE E A MENTE:
QUATRO NARRATIVAS DE TERROR EM UMA INSTITUIÇÃO PSIQUIÁTRICA
FORENSE**

Estevan de Negreiros KETZER¹

Recebido: 19/11/2024
Aprovado: 20/01/2025

Resumo

O artigo trata da construção de quatro narrativas sobre uma experiência de estágio em uma instituição forense. O foco da análise foi como a literatura fantástica é capaz de despertar tantos elementos de enriquecimento cultural como forma da mente lidar com o medo. O medo torna-se o vetor emocional básico das narrativas e na literatura fantástica se observam certas características próprias como a função do estranhamento, os danos estabelecidos pelas instituições totais, o empobrecimento das relações na modernidade e a dissonância musical. As narrativas são, assim, atreladas a autores importantes que utilizaram elementos fantásticos em suas produções literárias, tais como Poe, Shelley e Kafka, os quais proporcionaram um vigoroso cinema como encontrado em David Cronenberg e David Fincher.

Palavras-chave: medo; fantástico; literatura; instituição.

PRISON AND THE MIND:

FOUR NARRATIVES OF TERROR IN A FORENSIC PSYCHIATRIC INSTITUTION

Abstract

The article deals with the construction of four narratives about an internship experience in a forensic institution. The focus of the analysis was how fantasy literature is capable of awakening so many elements of cultural enrichment as a way for the mind to deal with fear. Fear becomes the basic emotional vector of the narratives and in fantasy literature certain characteristics are observed, such as the function of estrangement, the damage established by total institutions, the impoverishment of relationships in modernity and musical dissonance. The narratives are, therefore, linked to important authors who used fantastic elements in their literary productions, such as Poe, Shelley and Kafka, who provided a vigorous cinema as found in David Cronenberg and David Fincher.

Keywords: fear; fantasy; literature; institution.

Introdução

Para Rogério Göttert Cardoso

¹ Psicólogo pela PUCRS. Mestre e Doutor em Letras pela PUCRS. Pesquisador do IMEC, França. Email: estevanketzer@gmail.com.

KETZER, Estevan de Negreiros. O cárcere e a mente: quatro narrativas de terror em uma instituição psiquiátrica forense. In: Revista **Falas Breves**, no 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

Esse artigo é uma reflexão literária sobre os quatro meses de atividades no Instituto Psiquiátrico Forense Maurício Cardoso, de Porto Alegre², durante o primeiro semestre do ano de 2008. Eu me refiro aos registros pessoais e, portanto, mnêmicos, sobre o enquadramento e a transgressão de certas normas da conduta típicas dentro de uma instituição total (GOFFMAN, 2010). Os fenômenos psicopatológicos e sociais propeliram-me a indagar meus estados emocionais e estranhar as circunstâncias de tratamento mental dentro de um espaço tão particular conforme encontrada em um hospital psiquiátrico forense. Quis considerar nessa escrita um percurso de descoberta e de intervenção no debate entre história, narrativa ficcional e a subjetividade. O trabalho de escritores literários me chamou atenção pelo fato de estarem atentos a estados afetivos extremamente profundos. Essa comunicação dos escritores com seus medos e a capacidade de torná-los uma comunicação com seu público de leitores é algo que me chama muito a atenção. Sendo assim, escolhi a forma ensaística (ADORNO, 2012) de escrita para ser ela a forma mais adequada para manter a tensão entre literatura e a realidade vivenciada por mim.

O plano inicial ao pensar o que Poe, Shelley e Kafka, foi pensá-los como uma linha única que leva às considerações de Freud, Chklovski e Todorov acerca do estranhamento. Dessa mesma linha, parte a construção teórica que levou Foucault, Derrida e Deleuze & Guattari a colocarem seu foco acerca de elementos chave da crise das teorias modernas. Crise da capacidade teleológica do homem em explicar-se totalmente, tal como Nietzsche (2007) o fez em *O Nascimento da Tragédia*, de 1872, já repleto de referenciais de sua época sobre uma arte sensorial, dionisíaca, em comparação a uma construção racional de arte, apolínea. Parece evidente essa dificuldade de elaboração das vivências junto aos internos do instituto forense. A violência como uma prática social que repercute em um caminho lançado uma vez entre a ideia de um manicômio e presídio no mesmo lugar. Esse fato causa um reflexo sobre os motivos da segurança e os termos nos quais ela se totaliza na vida dos internos³.

² Este ensaio manteve o sigilo quanto ao nome das pessoas envolvidas na instituição. Preferi utilizar a primeira pessoa na descrição dos relatos, de modo a manter a personalidade e parcialidade de minhas percepções. Portanto, manter a voz em primeira pessoa significa sustentar a forma ensaística desse escrito e não ser detido pelos preconceitos advindos de uma tipologia científica interessada na repetição experimental, mas sim içar velas para novas formas de experimentos que, devido a complexidade fenomenológica, devem ser sempre que possível, postos à prova. Conforme T. W. Adorno (2012, p. 17): “Quem interpreta, em vez de simplesmente registrar e classificar, é estigmatizado como alguém que desorienta a inteligência para um devaneio impotente e implica onde não há nada para explicar.”

³ Muito difícil não atentar ao problema do desaparecimento do eu nesse sistema institucional. Para maiores detalhes ver o trabalho de Irving Goffman (1961/2008), *Manicômios, prisões e conventos*. KETZER, Estevan de Negreiros. O cárcere e a mente: quatro narrativas de terror em uma instituição psiquiátrica forense. In: Revista **Falas Breves**, no 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

Por que o medo, afinal de contas? O que faz temer a perda da vida lá dentro? O medo de estarmos em local para proteger, mas a contradição com o mal ao lado, tal como me veio à memória o filme *Alien 3* (1992), cujo mote é uma criatura assassina dentro de um presídio de segurança máxima. No entanto, me faço a pergunta: e o que pode manter sua integridade lá dentro? Houve então duas afirmativas radicais que incluíram meu relacionamento com a instituição: avançar ou recuar. Ao avançar tive de estar certo de que tal atitude poderia ser realizada com cautela e que não causaria quaisquer danos à minha integridade ou a instituição; ao recuar a percepção de que não posso ser onipotente ou arrogante. Ambas as afirmativas se mostrarão inevitáveis na exposição desse ensaio. Essas lições foram as mais difíceis e, porém, as mais básicas, exercendo-as para executar as tarefas que me eram solicitadas para meu aprendizado.

1. Primeira Narrativa: uma experiência em uma instituição total

- Vamos dar uma volta. – disse nosso coordenador de estágio após algumas explicações de cunho teórico sobre fenômenos que encontraríamos no IPF. Andamos até a porta e ao pisar fora do setor de psicologia, diante de uma das unidades, ele nos disse.
- Parem aqui. Sintam esse cheiro.
- Ficamos parados sentindo um odor considerado por mim um misto de cigarro, comida azeda e excrementos humanos. Aos poucos comecei a me dar conta de estar em um lugar nunca antes percebido por mim.
- Esse cheiro vocês só encontrarão em instituições totais.

A aparência entre a realidade da vida fora dali e o que se encontra do IPF são extremamente contrastantes. que superam uma organização cultural e invadem a esfera institucional na qual me engajei. Este jeito de experienciar a realidade só encontra respaldo dentro de formas complexas de literatura, nas quais a linguagem torna-se metáfora, extrapola o canal lexical de entrada e o sistema semântico de saída que pretende responder a ação empreendida (KETZER, 2012). Resta ao final uma interpretação dentro de um espaço no qual o tempo não passa igualmente entre os usuários do serviço.

Essa seria então minha primeira tarefa: compreender o espaço em que eu estava. A psicopatologia, atividade inicial à qual me engajei para aprender, propeliu-me a indagar meus estados emocionais frente ao medo de minha vida estar potencialmente em risco. Eu trabalhei em uma ala sem periculosidade dentro do IPF, mas havia locais mais ermos dentro da instituição... Em que colega no passado já fora tendencialmente inclinada a ir e foi estuprada lá. Algo a descontrolou, fazendo-a burlar regras estritas da instituição. Eu desde o primeiro momento, sabia que tinha de fazer um estágio

com muita seriedade, tinha de manter minha cabeça no lugar. A escrita de prestigiosos pensadores surgiu em mim como uma necessidade para entender o que estava acontecendo. Eu os lia não só para pensar, mas para sentir também.

O que de fato é instigante ao analista institucional é a ameaça que ele passa a sentir em seu trabalho (LAPASSADE, 1977). Ele se sente impelido a interrogar o ambiente que lhe permeia, portanto chega aos elementos mais filosóficos: por que aquele elemento está ali? Qual a sua origem? Como as coisas se tornaram desse jeito? Um estranhamento se faz necessário, do mesmo tipo que assolou toda a escola linguística russa pelo aparecimento do grupo Opojaz com o trabalho de Chklóvski (2013), intitulado “A arte como procedimento”, em 1917. Sua importância ao acrescentar o trabalho da percepção acerca dos objetos da arte, mediante procedimentos particulares do espectador, se fez mais do que urgente para a nova arte desenvolvida pelas vanguardas literárias do século XX.

2. Segunda Narrativa: uma escrita para a casa do monstro

- Olhem para as paredes. Vamos até o fim do corredor – disse o meu supervisor. Ele lentamente levou a mim e a minha colega de estágio até o fundo do corredor. As luzes mal chegavam e sentia-se o cheiro pútrido de dentro do corredor.

- Vamos entrar nessa sala. – ao lado havia um enorme banheiro aonde os internos entravam e não tinham qualquer privacidade. O cheiro de esgoto se misturava ao negrume das paredes.

Nós adentramos na sala por ele indicada. Havia um cadeado impedindo a porta de ser fechada, era uma forma de nos mantermos protegidos.

- Eu gostaria de saber como vocês acham que alguém pode melhorar nesse local. Mesmo que nós tivéssemos uma empregada que ficasse todo o dia dentro do banheiro ele continuaria sujo. É impossível mantê-lo limpo. Eu acho importante você falarem como estão se sentindo nesse momento, pois acredito que muitas coisas devem estar passando dentro de vocês.

A ficção científica é considerada como popular entre os gêneros tradicionais de escrita literária. Sua origem está relacionada ao movimento de oposição às literaturas mais racionais ou de concatenação realista reinantes no século XVIII, com o advento do Iluminismo. O movimento cultural ficção científica (*science-fiction*) não conseguiu ganhar o status de um gênero sério dentro da literatura universal como na prosa tradicionalmente no estilo romântico, realista ou mesmo na vanguarda modernista de inícios do século XX. A criação deste gênero tornou-se vinculada à

literatura das “massas”, também conhecida como “popular”, ao lado de romances policiais e romances de folhetim.

A ficção científica é, por sua vez, um gênero que lida com o fantástico, no qual a literatura é capaz de comportar certas características imprescindíveis, mas “a partir de leis que a ciência contemporânea não reconhece.” (TODOROV, 1975, p. 63). Ela nasce das problemáticas enfrentadas pela escritura gótica (*Gothic novel*) de fins do século XIX. A obra liga-se a uma outra conceituação nos paralelos de realidade, cuja personagem parece estar acometida de ações estranhas no decorrer da narrativa. O *estranho* nesse sentido é a decisão da personagem em não romper as leis da realidade. Contudo, se é decidido admitir novas leis para a natureza, este se deixa levar a descrição dos fenômenos a um novo gênero denominado *maravilhoso*, visto que a natureza não dá conta de assegurá-los. A literatura fantástica comporta ambos em suas características principais.

Um escritor que inicia tais indagações sobre a natureza de certos fenômenos narrados, jogando para o leitor a grande incerteza, chama-se Edgar Allan Poe (2008) e é ele que em sua obra *A queda da casa de Usher* inaugura uma certa aproximação com o estranho enquanto fenômeno literário. A fala da personagem Roderick Usher é uma aproximação experimental, o qual está por completo imbuído de uma experiência indizível e tipicamente assustadora.

Tenho medo dos acontecimentos futuros, não por eles mesmos, mas por seus efeitos. Estremeço à idéia de qualquer incidente, mesmo do mais trivial, que possa influir nesta intolerável agitação de espírito. Na verdade, não tenho aversão ao perigo, exceto no seu efeito absoluto – no terror. Nesta condição lastimável e precária, sinto que mais cedo ou mais tarde chegará a ocasião em que terei de abandonar, a um tempo, a vida e a razão, nalguma luta com o cruel fantasma: o MEDO (POE, 2008, p. 162)

A tentativa de aproximar uma experiência de campo e o que a literatura tem a dizer sobre o mesmo ponto singular torna a possibilidade da vida mais concreta e verossímil. Nas palavras da personagem de Roderick Usher há uma angústia indizível que ao mesmo tempo o torna refém da espera de uma circunstância completamente imprevisível, no caso, a aparente morte de sua irmã. Por toda obra esperamos essa situação chegar, mas não podemos saber para onde a narrativa irá nos levar. Há um terror expressivo e indeterminado, situação descomunal que invade a presença afetiva do leitor e o aprisiona diante da narrativa. Freud (2019) já fizera menção sobre esse desconforto em seu ensaio “O Infamiliar” (*Unheimliche*), também conhecido no Brasil como “O estranho”. Nesse trabalho, o pai da psicanálise interpreta o conto de E. T. A Hoffmann, chamado “O Homem de Areia”, como

KETZER, Estevan de Negreiros. O cárcere e a mente: quatro narrativas de terror em uma instituição psiquiátrica forense. In: Revista **Falas Breves**, no 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

parte do horror devido a algo tão familiar que começa a trazer um estranhamento. “Infamiliar seria tudo o que deveria permanecer em segredo, oculto, mas que veio à tona” (FREUD, 2019, p. 45). O narrador do conto de Poe está de fato perdido entre as chances de conhecer o interior melancólico dos estados nervosos de Roderick Usher, e a atmosfera depressiva que envolve a soturna casa. Ambas as construções são auxiliares para termos pequenas ideias distantes, as quais se aproximarão durante a leitura do conto.

A obra de Kafka (1997) é testemunha do desenvolvimento do horror pelo processo de transformação no célebre livro *A Metamorfose*. A obra apresenta a personagem de Gregor Samsa que acorda em uma manhã e se vê transformado em um inseto horrendo, algo como um besouro ou uma barata. Ele não está surpreso de início com tal acontecimento inaudito e aos poucos começa a sentir um conforto com a situação, eximindo-se da responsabilidade de trabalhar ou mesmo de ter contatos pessoais com sua família. “Gregor reconheceu que a falta de qualquer comunicação humana imediata, ligada à vida uniforme da família, devia ter confundido o seu juízo no decorrer desses dois meses” (KAFKA, 1997, p. 50). O ódio da família surge em detrimento da forma monstruosa de Gregor, digna de pena. A transformação coloca em xeque as relações de trabalho na família e introduz a degradação e degenerescência humana na personagem principal. O acontecimento estranho funde-se dessa forma ao maravilhoso, portanto, ao assustador decorrente dele, segundo a categoria proposta por Todorov (1975). A barata é um medo, pânico, pavor na estrutura familiar. O cenário, entretanto, continua real, cotidiano, e é atacado pela abrangência do acontecimento. A utopia do não-lugar dessa tragédia, desconforto dessa transformação, se mostra profícua, pois criara um espaço que foge ao cotidiano de uma tão bem aguardada realidade cognoscível, tendo em vista “o que detinha a família de uma troca de casa era a total falta de esperança e o pensamento de que tinha sido por uma desgraça como mais ninguém em todo o círculo de parentes e conhecidos” (KAFKA, 1997, p. 62). A nota de exclusão fica evidente, e pode ser comparada ao terror despertado pelo aparecimento do novo. O leitor se reconhece incluído na fantasia de Kafka ao enxergar Gregor apartado da sua condição humana para que possa se responsabilizar. Sua animalização vai aos poucos transformando em uma coisa a ponto de morrer e dar um alívio a toda a família desamparada e incapaz de se responsabilizar para mudar algo daquela situação sem trabalho.

É pela desarticulação da vida que a ficção científica é esquadrihada pelo cinema na obra *Alien 3* (1992) com a problemática do terror sem nome, pânico cuja forma todos desconhecem. A referida

obra narra a perseguição empreendida por um monstro dentro de uma instituição penal interplanetária. A tenente Ripley, personagem principal na obra, descobre-se sozinha, a única mulher dentro da instituição. O monstro possui um corpo disforme, com características humanóides, e uma grande perspicácia na habilidade de se locomover e matar. A criatura caça a todos implacavelmente, enquanto preserva a vida da tenente Ripley, pois, ela é portadora de outro monstro dentro de si que poderá nascer a qualquer momento. A única alternativa é caçá-lo dentro do intrincado labirinto subterrâneo do presídio, no qual todos disponibilizarão suas vidas na tentativa de destruí-lo (ALIEN 3, 1992). *Alien 3* faz alusão direta a narrativa *Frankenstein*, de Mary Shelley (2007). Temos da sua autora a espera gerada pela gravidez e lá dentro dos interstícios do incógnito um desejo em vias de transformação. O monstro Frankenstein feito de diversos pedaços de outros seres, advindo da cabeça de um cientista que deseja alcançar a imortalidade, constrói ele também sua própria ruína, pois a criatura irá caçá-lo até o polo norte para poder destruir seu criador que não fez a única coisa que ele pedira: um outro ser igual a ele do sexo feminino⁴.

3. Terceira Narrativa: os restos

O dia estava chuvoso e nossa tarefa era ler os prontuários clínicos dos pacientes de forma a estudar a história deles e as hipóteses diagnósticas de nosso grupo operativo. Passamos dentro da unidade de tratamento apenas para lermos os prontuários. Havia um forte cheiro de excremento por toda a unidade, como eu jamais havia sentido anteriormente. À frente da enfermaria me deparei com garrafas de água com forte coloração amarelada e me intriguei pelo fato, perguntando ao meu supervisor, assim que abrimos a porta para entrarmos em nosso setor, sobre aquela água:

- Essa água é para limpar os banheiros?

Ele ri rapidamente e me responde de imediato.

- Excelente essa sua colocação! A água é para a medicação deles. A água aqui é um pouco mais escura mesmo.

Ao me sentar para ler os prontuários senti o forte cheiro de merda em minhas roupas. Eu pensei pela primeira vez como alguém poderia ser tratado em algum lugar absolutamente nauseabundo. Tal fato, após breve momento de acomodação em minha mente foi como uma constatação para meu conceito inicial de coprofagia já latente em meu imaginário. “As pessoas deviam se alimentar de excretas humanas naquele lugar” eu imaginava...

As primeiras discussões na problemática das instituições são dirigidas ao Estado moderno que avilta uma soberania nacional na pauta dos interesses sociais. Será na composição do Estado uma

⁴ Vemos essa conversa se ampliar no cinema de David Cronenberg com o filme *A Mosca* (1986). No filme um cientista cria uma máquina para deslocar um corpo de um lugar a outro da sala pela dissolução e reorganização de partículas. Ao testar a máquina em si mesmo, uma mosca entra no experimento e se funde ao DNA do cientista, o qual começa paulatinamente a se transformar em um monstro horrendo. Essa metamorfose em muito lembra a história de Kafka e pode ser que tenha colhido dela os elementos para seu filme.

KETZER, Estevan de Negreiros. O cárcere e a mente: quatro narrativas de terror em uma instituição psiquiátrica forense. In: Revista **Falas Breves**, no 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

emergência para uma nova gama de relações políticas e subjetivas que desprezam as antigas ordens hierárquicas do mundo, tal como instituídas pela Igreja e pela Monarquia europeia. A revolução francesa é o marco da era contemporânea, pois, inscreve três princípios máximos para a consolidação de um poder democrático: *liberté, égalité, fraternité*⁵. Esta forma de subjetividade inscrita norteará as relações humanas no mundo ocidental a partir de então, mostrando-se hegemônica até o presente momento.

A subjetividade nesse contexto passa pela instituição delegada pelo Estado – concepção política de territorialidade e legitimidade de um poder altamente burocratizado – estendendo-se até um eixo de operacionalidade e funcionalidade dos seus órgãos, as instituições, dentro de um corpo, o aparato estatal. Compreender a dinâmica dessa relação entre Estado e sociedade é compreender uma parcela daquilo que é introjetado e ganha o estatuto de prioridade entre as muitas políticas que são ofertadas. Nós vemos a tentativa do Estado nacional em gerir o poder público legitimado e investido para que este rume a um incessante progresso tecnológico. O poder é da ordem relacional e só pode ser assim quando as representações que fazemos dele estão em vias de uma legitimidade e da aparente incapacidade de insuflação social para destituí-lo ou remanejá-lo. Eis a grande problemática institucional que é questionada no século XIX, principalmente pela sociologia que observa novas transformações sociais, e no século XX, com advento de uma grande tecnocracia que pauta a ordem das relações de trabalho.

Para Michel Foucault (2004), ao concentrar seus esforços de entendimento sobre a formação de uma qualidade discursiva que legitima o escopo horizontal de uma hegemonia política sobre a vida moderna, ele chega aos enleios entre saber e poder. Algo é formado para se tornar plenamente aceito em um plano social de poder e conhecimento: “nenhuma análise poderia desfazer sem abstração, se ela tramasse, em torno do que os homens dizem e fazem, obscuras sínteses que a isso se antecipam, o preparam e o conduzem, indefinidamente, para seu futuro, ela seria, para a soberania da consciência,

⁵ Liberdade, igualdade, fraternidade. São conceitos chaves para a Revolução de 1789 e a subsequente queda da dinastia Bourbon. Com o advento de um lento processo burocrático na ordem dos acontecimentos econômicos da realidade europeia (WEBER, 2004) é resgatado por intelectuais como Rousseau, Montesquieu, Voltaire na França do século XVIII, o conceito de democracia da antiga Constituição Ateniense, base do direito canônico romano. Não pretendo buscar discussões sobre a aliança das classes burguesas e a proposta tipicamente iluminista dos intelectuais franceses, mas fica ao advento de uma característica fortemente marcada pelo individualismo humano na geração de riquezas, à revelia do conceito de *pessoa* proposto por Mauss (1974) que engloba uma forma de vivenciar e agir dentro de uma apreciação coletiva.

KETZER, Estevan de Negreiros. O cárcere e a mente: quatro narrativas de terror em uma instituição psiquiátrica forense. In: Revista **Falas Breves**, no 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

um abrigo privilegiado” (FOUCAULT, 1995, p. 14). Um abrigo da predividade mediada pela razão do conhecimento científico.

O sujeito como hipótese moderna possui por si uma genealogia própria e lhe é investido sobre essa proximidade discursiva da ordem dos fatos instituídos como verdade. O autor eleva esse pensamento para a análise de instituições psiquiátricas, locais que desenvolveram práticas de um poder disciplinador, no qual um determinado saber exerce poder e estatuto de verdade normatizadora. O autor também expõe uma forma de ver a patologia de maneira limítrofe, enxergando apenas um ponto de vista sobre o aspecto vivenciado da doença mental e o controle dos corpos pelo saber:

Se se define a doença mental com os mesmos métodos conceituais que a doença orgânica, se se isolam e se se reúnem os sintomas psicológicos como os sintomas fisiológicos, é porque antes de tudo se considera a doença mental ou orgânica, como uma essência natural manifestada por sintomas específicos (FOUCAULT, 1975, p. 13).

Há, para o autor francês, um *paralelismo abstrato*, o qual deixa brechas na problemática da visão sobre o homem em meio aos diferentes níveis de sua realidade. Nesse sentido as classificações se inserem como corretas de falar a respeito do sofrimento humano por diversas formas de experimentar a realidade: “(...) quanto mais se encara como um todo a unidade do ser humano, mais se dissipa a realidade de uma doença quer seria unidade específica; e também mais se impõe, para substituir a análise das formas naturais da doença, a descrição do indivíduo reagindo a sua situação de modo patológico” (FOUCAULT, 1975, p. 16).

A patologia mental exige um novo nível de pensamento acerca de sua manifestabilidade meramente orgânica. Exige um grau de abstração que enxerga a doença mental como um problema social. Esse meio é estudado por ele como a *análise de discurso*, método que questiona a criação de categorias que se expliquem a si mesmas visando a explicação de uma dada realidade pela sua quantificação, como é visto no método da *análise de conteúdo*, tal como proposto por Laurence Bardin. Aqui, encontramos um subsídio novo para a análise dos elementos culturais, tendo em vista o primeiro plano como a realização de um pensamento interrogativo sobre como se deu esta institucionalização e consequente dominação (FOUCAULT, 2004).

A instituição delinea o que é realidade *alguns* e o que é realidade para os *outros*. No entanto, a instituição não percebe sua participação na construção de anteparos subjetivos no atravessamento de uma mentalidade para outra. Ela automatizou certos processos subjetivos. Dessa forma, os termos mudam sem haver uma razão que tome contato com essa mudança, estabelecendo a eficácia de uma

KETZER, Estevan de Negreiros. O cárcere e a mente: quatro narrativas de terror em uma instituição psiquiátrica forense. In: Revista **Falas Breves**, no 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

atividade discursiva em detrimento de outra de menor poder. A crítica à razão aqui está estritamente vinculada ao conceito de alienação, retomado por Nietzsche, Marx e Freud no contexto do século XIX para determinar um estado de mediania criado na pauta da realidade das vivências no mundo (FOUCAULT, 2005). A visão da patologia gerada por algo que aliena o sujeito, porém, do qual ele não tem capacidade de contornar, eis a crise da modernidade apontada pelos intelectuais de vanguarda do século XX.

Deleuze e Guatarri (2004) compreendem as instituições como simulacros de sujeitos mortos, enterrados e despotencializados de suas possibilidades de acesso ao mundo subjetivo. Essa sutileza de pensamento é propagada no Ocidente como a destituição do ser humano de seu lugar reinante diante de todas as criaturas, incapaz de definir a si próprio como dono de uma verdade absoluta, visto que a verdade sempre é acrescida de novos elementos, ele terá de realizar um grande esforço para viver diante do nada, pois se é incapaz de determinar qualquer essência inata universal sobre si mesmo. O mundo surge como uma esfera de representações, relações, por via da diferença (*différence*)⁶. A respeito de todas as interpretações, ainda fica a angústia freudiana de um desejo que se volta para si quando seu investimento libidinal parece descaracterizá-lo de uma atividade sublimatória.

A atmosfera institucional é um aprisionamento quando a esta não resta mais o que repetir. O *Manifesto Antropofágico*, de Oswald de Andrade (1970), é a própria deglutição de um ser que devora outro na obtenção de suas características e na propagação de uma vingança instituída como realidade subjetiva. Uma crítica as instituições culturais também aprisionadas em seus elementos ditados como regras estéticas. Devorar o homem seria uma extensão antropológica de qualidades impossíveis ao restituir uma parcela de culpa que este não instituiu? Se o devoramento do humano recai na constituição de suas relações enquanto grupo interétnico. Eis a restituição de um horizonte conciliador entre as diferenças também não o são por completo satisfatórias. A alternativa literária de Oswald de Andrade é exatamente deslocar a consciência de cordialidade da cultura brasileira e revoltar-se por uma filiação que não é mera ficção-científica, mas sim uma apoteose cultural da qual a literatura deve se apropriar para conceber a si dentro de um outro. Tal como os Tupinambás devoram por qualidades

⁶ Vamos nos deter sobre o termo diferença em sua tradução objetiva, mas a partir da leitura da escola francesa do pós-estruturalismo: termo que se presta a interpretações pós-modernas como compreensão do outro pelo olhar desse outro, desejante de conhecer a si próprio, mas também na aceitação derridariana de “postergar” aquilo que ainda pode ser construído ou construído em outro lugar, portanto, desconstruído (DERRIDA, 1991).

KETZER, Estevan de Negreiros. O cárcere e a mente: quatro narrativas de terror em uma instituição psiquiátrica forense. In: Revista **Falas Breves**, no 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

culturais, esse homem de aspecto nietzschiano apropria-se da reversibilidade de suas noções estanques: “Tínhamos a justiça codificação de vingança. A ciência codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabu em totem.” (ANDRADE, 1970, p. 15)

Há aqui uma revolta, princípio de insuflação anarquista, na obra do autor. Ele precisa recolocar os pontos de partida, a falsa coloração burguesa da sociedade brasileira, e inverter a chegada com rompimento do conceito de *ser* brasileiro. Seus manifestos, hoje tão esquecidos e com ar de inutilidade dentro da perspectiva intelectual vigente, parecem colocar o problema do homem sobre seu processo de submissão cultural. O caso brasileiro mostra essa aparência dentro do modelo europeu: uma cópia caricatural sem estratégia de crescimento orgânico. Oswald de Andrade não teria enxergado o homem quando este devora suas excretas e ainda assim consegue dar-lhe um significado. Devorar as excretas é ainda assim uma possibilidade, um plano de restituição da única coisa que constituirá um aparato insensível do Estado na via de significar o caráter institucional precário, ou o último movimento a que chegará a sociedade brasileira, sociedade do atraso intelectual, tecnológico e afetivo.

Deleuze e Guatarri (2004), criam uma relação com a pele, substrato arcaico de todas as relações que invadem o interior dos corpos desejantes. O desejo pulsional é o início da busca de uma satisfação, imanente desse interior singularizado, cuja via de liberação se dá nas relações de um sentido para existir. A relação é a compreensão de uma realidade e a vivência na *différence*, o postergar por não conter. Contudo, há o espaço de impossibilidade do corpo em reconhecer suas necessidades e agir sobre elas. A análise de instituições e o próprio corpo do desejo, como é o caso das perversões, entendidas através da falência, ou inoperabilidade, dos corpos que não compreendem suas atividades:

Tudo é permitido: o que conta somente é que o prazer seja fluxo do próprio desejo, Imanência, no lugar de uma medida que viria a interrompê-lo, ou que o faria depender dos três fantasmas: a falta interior, o transcendente superior, o exterior aparente. Se o desejo não tem o prazer por norma, não é em nome de uma falta que seria impossível remediar, mas, ao contrário, em razão de sua positividade, decorrer de seu processo (DELEUZE & GUATTARI, 2004, p. 18).

Àquilo tudo que se opõe ao prazer, que invade tanto o ser humano em sua singularidade quanto a sua manifestação coletiva em um ambiente institucional, é como um golpe aos estatutos legais de uma prática que agencia modos de subjetivar a realidade. A distância entre planos é incompleta sobre um outro também desejante; interpretar torna-se desnecessário quando enxergarmos a falência geral KETZER, Estevan de Negreiros. O cárcere e a mente: quatro narrativas de terror em uma instituição psiquiátrica forense. In: Revista **Falas Breves**, no 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

do organismo e a tomada de um Corpo sem Órgãos (CsO) que reestratifica o estatuto de legitimidade do instituído como fuga do organismo, apropriação de uma nova consciência. Os autores apresentam a face cancerígena do Estado quando esse já invadiu e desapropriou as proximidades desses corpos, destruiu relações ao invés de uni-las.

O tumor do Corpo sem Órgãos (CsO) é tratado pelos autores em correlato com o erro de pensar as condições da instituição sem antes pensar a geração seus princípios, acerca de como a gerência do Estado recai sobre a instituição. O trabalho é produção de significado, contínuo e sem direção determinada. O trabalho quando carece de desejo está fadado ao descaso: morre de inanição, não pode ser retroalimentado. Todo o corpo deseja continuar a desejar, imaginar, buscar, produzir em condições favoráveis. Com a falência das instituições promovidas pelo Estado corrupto, tanto financeiramente, quanto moralmente, pois, há também uma falência dos objetivos a serem alcançados para a construção do inusitado. Um Corpo sem Órgãos (CsO) é criado para representar o que está imanente e à sociedade civil vive como um corpo sem representação⁷.

4. Quarta Narrativa: o fim da teoria

Nós esperávamos as atividades do grupo operativo começarem dentro do setor de psicologia. Repentinamente ouvimos os sons de gritos vindos da unidade ao lado. A porta de ferro nos indicava que havia muita agitação, com estampidos surdos e objetos caindo ao chão. Um homem gritava enfurecido e ao mesmo tempo lamentoso. Encostei meu ouvido direito para poder ouvir com clareza o que acontecia. Entre seus lamentos entendi um “não agüento mais!”.

- Ele surtou... – afirmei meio desconcertado.

Meus supervisores estavam próximos, cabisbaixos e sérios. Ficamos ouvindo durante cinco minutos até o homem ser silenciado por enfermeiros e colegas de unidade. Logo após o silêncio meus supervisores se dispersaram, cada um dirigindo-se para um canto da sala.

A instituição se cala nesse trecho. É difícil lidar com a loucura. Ela proporciona um olhar amplo sobre o medo, cuja violência é uma reação já internalizada por todos. Um temor sem nome que se encontra justamente na essência das obras literárias de ficção científicas interpeladas pelo horror.

⁷ A ideia de Corpo sem Órgãos (CsO) é muito familiar do que podemos depreender da leitura do conto de Kafka (1998) Na Colônia Penal, em que um visitante chega a uma ilha para ver a execução de uma sentença de morte dada por um chefe militar. Contudo, a sentença é executada por uma máquina que escreve a própria sentença lentamente na pele do apenado, escreve até atravessar sua pele e matá-lo. Nós estamos cientes do quanto esse conto influenciou profundamente o pensamento tanto de Foucault, quanto de Deleuze & Guattari, nos chamando atenção como essa prática é descrita de forma absolutamente racional a ponto de ser completamente absurda. KETZER, Estevan de Negreiros. O cárcere e a mente: quatro narrativas de terror em uma instituição psiquiátrica forense. In: Revista **Falas Breves**, no 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

Há uma atmosfera de deslumbramento da população em fantasiar sua própria sorte com elementos aparentemente impossíveis. Esta é a base dessa forma de escrita. O que nos enrijece o caráter já é particularmente uma situação típica de instituições públicas. A falência institucional não é senão essa paródia de parca funcionalidade, quase morta, mas ainda corporificada, representada pela metáfora do Corpo sem Órgãos (CsO).

Eis que dentro de quem escreve surge uma crítica a toda a apropriação teórica que excede o lugar da experiência e estabelece com a prática uma artificialidade. A teoria quando meramente pensada pode se tornar o cárcere dos pensamentos protetivos. Pensar é antes de tudo colocar as coisas em movimento, ver por outro lado, outra maneira, talvez algumas que ainda não percebemos, tal como a ideia do estranhamento nos esclarece.

Assim as narrativas são elaborações, coisas que não se definem por objetos que não são interrogados se não lidamos diretamente com eles. Mais importante do que analisá-los é tomá-los fora da explicação, como a *Verklärte Nacht* de Arnold Schoenberg, quando o autor está se distanciando das formas positivas de música, mesmo ainda distante do incrédulo dodecafonismo que ele próprio criará em 1922 (SCHOENBERG, 2011). O som precisa retornar para o lugar de onde ele veio, aqui podemos pensar o silêncio (KETZER, 2015), algo de difícil entendimento mesmo intelectual quando trazido por uma música sem melodia, ritmo ou tessitura. Uma música sem a beleza que lhe é própria. O ruído que causa estranhamento. O interesse que surge a partir do estranhamento do autor quando a obra se torna uma “entidade estranha” (ADORNO, 2004, p. 24) dentro da obra de arte. Assim deve nascer a obra do próprio trabalho do seu autor e dar vida a uma forma musical polifônica, cuja visão deve aflorar como o relato de um sonho: o recorte parcial de muitos elementos que se unem em algo completamente novo (CLIFFORD, 2014). Ao romper com a massa sonora rompe-se ao mesmo tempo com o positivo, com qualquer forma de arte desalinhada de uma questão social que diga respeito a essa normalidade imanente nas formas cristalizadas de viver. E aqui literatura e música se encontram, pois são o fundamento do legado de toda a nossa civilização, do melhor do que foi possível dadas as condições para sua realização.

Considerações Finais:

Algo define no instituto forense. O próprio instituto define enquanto há um esforço conjunto por uma equipe técnica qualificada e pacientes que na maioria das vezes tem de se esforçar para

KETZER, Estevan de Negreiros. O cárcere e a mente: quatro narrativas de terror em uma instituição psiquiátrica forense. In: Revista **Falas Breves**, no 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

fazerem seu tratamento, como escutei da boca de um dos pacientes que conseguiu uma redução de sua medida de segurança⁸. O IPF definha porque não consegue mais causar estranhamento, tampouco cuidados básicos para seus pacientes. Ele opera de forma mínima, o que não significa que as condições sejam as adequadas para um tratamento.

Eu trouxe apenas quatro pequenas narrativas que me impressionaram durante o tempo de estágio na instituição. Esse trabalho de elaboração se estendeu aos meus sonhos, ao meu sono, ao jeito de desenvolver atenção e mesmo ao perceber os cheiros a minha volta. Mais do que isso, o IPF foi um período de amadurecimento muito importante para reorientar o final de meus estudos em psicologia, pois me formei em 2010, mas me levou diretamente para o mestrado em Letras, na PUC, no ano de 2011. Isso porque ele despertou em mim a capacidade de aprendizagem essencial tanto para desenvolver minha clínica, quanto para desenvolver meu gosto pela literatura fantástica.

Por fim, esse ensaio aponta para uma complexidade nas relações entre teoria e prática. Quis deixar essa relação bem evidente, não apenas através das narrativas, mas também por uma percepção a muito já elencada por mim acerca do conhecimento. O conhecimento não termina em conceitos simples que evocamos com a nossa mente. Nosso dever com o conhecimento é sair de um elemento infantil de cópia e uso de palavras com conceitos claros para uma investigação de seus procedimentos. Esse fato nos leva impreterivelmente a um conhecimento que precisa estar sempre sendo pensado, com os acréscimos dos novos métodos para sua coleta, porém, deixando claro o caráter de investigação sobre suas marcas em nossas vidas. Para tanto, a literatura e seu manancial imaginário são indispensáveis, pois guardam dentro de si uma riqueza vocabular e imagética fundamental para o pensamento tornar-se paulatinamente mais complexo. E isso visa a enriquecer culturalmente o ser humano, pois permite a ele ver a realidade de maneira mais íntima, ainda que ele tenha de lidar com seus medos... e não saber o que fazer como parte do processo.

Referências

ADORNO, Theodor Wiesengrund. *Notas de Literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2012.

⁸ A medida de segurança é adotada nos casos prescritos na lei para doentes mentais que cometem crimes previstos no Código Penal, artigo 26: "É isento de pena, por doença mental ou desenvolvimento mental incompleto ou retardado, era, ao tempo da ação ou da omissão, inteiramente incapaz de entender o caráter ilícito do fato ou de determinar-se de acordo com esse entendimento" (BRASIL, 2024).

KETZER, Estevan de Negreiros. O cárcere e a mente: quatro narrativas de terror em uma instituição psiquiátrica forense. In: Revista **Falas Breves**, no 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

ALIEN 3. Direction and script: David Fincher. Production: Gordon Carrol, David Giler, Walter Hill. Actors: Sigourney Weaver; Charles Dutton; Charles Dance; Paul McGann; Brian Glover; Ralph Brown and others. Soundtrack: Elliot Goldenthal. EUA: 20th Century Fox Film Corporation, 1992. 1 film reel (115min), son., color., 35mm.

A MOSCA. Direction and script: David Cronenberg. Production: Stuart Cornfeld. Script: Charles Edward Pogue; David Cronenberg. Actors: Jeff Goldblum; Geena Davis; John Getz. Soundtrack: Howard Shore. Cinematography: Mark Irwin. Edited: Ronald Sanders. EUA: 20th Century Fox Film Corporation, 1986. 1 film reel (96min), son., color., 35mm.

ANDRADE, Oswald. *Manifesto Antropófago*. In: *Obras completas, vol. 6*. Rio de Janeiro, Brasil: Civilização Brasileira, 1970.

BRASIL. Código Penal – [Decreto-Lei N° 2.848, de 7 de dezembro de 1940](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acesso: 18 nov. 2024.

CHKLÓVSKI, Victor. A arte como procedimento. In: TODOROV, Tzvetan. *Teoria da Literatura: textos dos formalistas russos*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Tradução de José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014.

DELEUZE, Gilles. & GUATTARI, Felix. (2004). *28 de novembro de 1947 – Como Criar Para Si um Corpo Sem Órgãos?* In: *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3*. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

DERRIDA, Jacques. *Margens da Filosofia*. Tradução Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas: Papirus, 1991.

FOUCAULT, Michel. *Doença Mental e Psicologia*. Tradução de Lilian Rose Shalders. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. *A História da Loucura*. Tradução de Teixeira Coelho. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Um diálogo sobre os prazeres do sexo, Nietzsche, Marx e Freud, Theatrum Philosophicum*. Tradução de Jorge Lima Barreto. São Paulo: Landy, 2005.

KETZER, Estevan de Negreiros. O cárcere e a mente: quatro narrativas de terror em uma instituição psiquiátrica forense. In: Revista **Falas Breves**, no 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

FREUD, Sigmund. O Infamiliar. In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*, vol. 8. Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

GOFFMAN, Erwin. *Manicômios, Prisões e Conventos*. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 2010.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

KAFKA, Franz. *O Veredicto / Na Colônia Penal*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KETZER, Estevan de Negreiros. Uma Nota Sobre o Ruído: a teoria da ação comunicativa como crítica a uma interpretação cibernética. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 5. n. 3, pp. mar. 2013.

KETZER, Estevan de Negreiros. Adorno e a psicanálise: uma lição de Arnold Schoenberg. In: SOUZA, Ricardo Timm de; TAUCHEN, Jair. (Org.). *Adorno e a dialética negativa: leituras contemporâneas*. Porto Alegre: Fi, 2015, p. 57-90.

LAPASSADE, George. *Grupos, organizações e instituições*. Tradução de Henrique Augusto de Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

MAUSS, Marcel. (1974). Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção de eu. In: *Sociologia e Antropologia*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: EPU-EDUSC, 1974.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia: ou Helenismo e Pessimismo*. Tradução de [Jacó Guinsburg](#). São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

POE, Edgar Allan. A queda da casa de Usher. In: *Histórias extraordinárias*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHOENBERG, Arnold. *Harmonia*. Tradução de Marden Maluf. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. Tradução de Mécio Araujo Jorge Hopkins. Porto Alegre: L&PM, 2008.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Maria Clara Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.

WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. Tradução de [José Marcos Mariani de Macedo](#). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

KETZER, Estevan de Negreiros. O cárcere e a mente: quatro narrativas de terror em uma instituição psiquiátrica forense. In: Revista **Falas Breves**, no 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069